

Aspectos Retórico-Argumentativos do Discurso Auto-Reflexivo

Fábio Fernando Lima
Doutorando/Universidade de São Paulo

Resumo:

Neste artigo são examinadas as correlações entre metadiscursividade e argumentação em uma entrevista televisiva, a partir de uma ótica textual-interativa da linguagem e de parte dos estudos desenvolvidos na Teoria da Argumentação.

Palavras-chave: metadiscorso, argumentação, retórica, auto-reflexividade.

Abstract:

From a text-interactive view of language and considering part of the studies developed by Argumentation Theory, this paper studies the correlation between metadiscursiveness and argumentation in a TV interview.

Key-words: metadiscourse, argumentation, rhetoric, self-reflexiveness.

Résumé :

Cet article examine les co-relations entre metadiscursivité et argumentation dans une interview télévisée, à partir d'une perspective textuelle-intérative du langage et d'une partie des études développées dans la théorie de l'Argumentation.

Mots-clés: metadiscours, argumentation, rhétorique, auto-réflexivité.

Considerações iniciais

Há algum tempo, especialmente a partir de Jakobson (1963), que primeiro elaborou o conceito de “função metalingüística” para se referir aos casos em que a mensagem centra-se no próprio código, muitos lingüistas passaram a se dedicar ao estudo da auto-reflexividade, concebida como uma propriedade fundamental da língua. Com o desenvolvimento desses estudos contamos hoje com uma grande diversidade terminológica, a qual reflete diferentes perspectivas teóricas a respeito da mencionada função: metalingüística, metacomunicação, metalinguagem, metaenunciação, metadiscursividade.

No entanto, ainda que sejam muitos os estudos desenvolvidos acerca desse assunto, ao dedicarmos uma leitura mais atenta à mencionada bibliografia detectamos algumas lacunas, as quais dão margem para o desenvolvimento de pesquisas certamente interessantes.

Uma dessas lacunas constitui-se na relação certamente existente entre os procedimentos metadiscursivos e a argumentação, a qual constitui o objeto de estudo central para a pesquisa que aqui apresentamos. Tal relação torna-se nítida quando nos deparamos com um *corpus* composto por entrevistas e debates cujas características permitem que sejam classificados como modalidades de interações polêmicas: torna-se possível detectar, nesses mesmos materiais, uma forte recorrência de procedimentos metadiscursivos, ora incidindo sobre o enunciado do próprio locutor (*em primeiro lugar eu quero dizer o seguinte...; a minha pergunta é clara...; vamos tentar discutir alguns pontos... etc.*), ora deixando clara a referência à fala do interlocutor, por meio de termos atinentes à atividade discursiva (*o senhor está me dizendo que...; o senhor falou agora há pouco que..., agora o senhor diz que... etc.*), que certamente carecem ainda de explicações maiores acerca de sua funcionalidade e papel na estrutura da argumentação.

Essa abordagem torna-se particularmente importante se considerarmos a posição geralmente difundida de acordo com a qual a argumentatividade caracteriza toda forma de ação pela linguagem. É essa posição que vem fomentando estudos diversos no quadro atual da pesquisa lingüística, especialmente a partir dos trabalhos desenvolvidos no contexto da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) (cuja ênfase recai, dentre outros aspectos, no estudo das chamadas “estratégias argumentativas”).

O *corpus* básico para a realização desta pesquisa constitui-se de uma entrevista dada pelo então candidato à Presidência José Serra ao programa Opinião Nacional, veiculada pela Rede Cultura no dia 5 de setembro de 2002.

A metadiscursividade como um recurso textual-interativo

Indubitavelmente a partir dos estudos apresentados por Borillo (1985) o interesse pela metadiscursividade ganhou grandes dimensões, expandindo-se inclusive para diversas áreas da pesquisa lingüística. Assumindo por pressuposto uma perspectiva pragmática da linguagem, o autor considera a metalinguagem como um discurso centrado sobre o código. Nesse contexto, o código é tomado

em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua enquanto sistema, quanto à sua ativação em situação de comunicação, isto é, movido por um locutor, que se dirige a um destinatário, real ou virtual, em circunstâncias particulares.¹

Ao examinar a função metalingüística em situação de enunciação, Borillo destaca as seguintes modalidades de intervenção do metadiscurso: a) a que faz referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto; b) a que se refere ao discurso como fato enunciativo, para explicitar algumas de suas condições, ligadas à gestão do diálogo, tendo em vista sua inteligibilidade; c) a que se refere ao discurso enquanto construção de enunciados, para explicitar seu desenvolvimento, sua estratégia e organização argumentativa. Esses casos estão exemplificados, conforme Risso e Jubran (1998),² respectivamente em (1), (2) e (3):

- (1) Doc ... professor C... poderiam nos mencionar vamos dizer na escala de: ... – **não sei se seria certo** – de valores... os problemas de uma cidade: ... de uma cidade comum... (D2-SP-255)
- (2) Doc ... **professor R. quer falar sobre a imprensa ou dá primazia aqui ao professor C.?** (D2-SP-255)
- (3) Inf ... **agora nós vamos passar para o nosso outro assunto... o outro assunto... é a região mediastínica**... então nós vamos começar a nossa região mediastínica... (EF-SSA-049)

A classificação exposta assumiu posição de destaque nos recentes trabalhos desenvolvidos por Risso (1999; 2001), Jubran (1999), Risso e Jubran

¹ A distinção entre metalíngua (no sentido dado por Jakobson) e metadiscurso (no sentido dado por Borillo) explicita uma polarização entre código, abstraído de atualizações interacionais, e o código em situações reais de comunicação. Uma atenuação dessa polarização torna-se possível, segundo Borillo (1985), se levada em conta a observação levantada por Jakobson (1963) de acordo com a qual as condições enunciativas que regem a ocorrência de enunciados metalingüísticos decorrem da necessidade de destinador e destinatário checarem, pela referência ao código, a eficácia comunicativa da mensagem, o que, por consequência, acaba por relacionar a metalíngua à situação de uso.

² Em suas análises Risso e Jubran (1998.) aplicaram a classificação apresentada por Borillo (1985) em material extraído do Projeto NURC, utilizando-se de um inquérito do tipo D2 (Diálogo entre dois informantes), número 255, do NURC/SP e do tipo EF (Elocução Formal), número 049 do NURC/SSA.

(1998). Fundamentados em uma perspectiva textual-interativa, esses estudos tomam por base, de modo análogo a Borillo (*op. cit.*), uma concepção pragmática de linguagem, como “atividade verbal entre os protagonistas de um ato comunicativo, contextualizada no espaço, no tempo e no conjunto complexo de circunstâncias que movem as relações sociais entre os interlocutores” (Risso e Jubran 1998:227). Dessa maneira, concebe-se que o enunciado e as condições enunciativas estão incorporados na ação verbal, o que “leva a ver os componentes enunciativos como introjetados no produto lingüístico de um ato comunicativo — o texto” (Risso e Jubran 1998:228).

O metadiscurso, por inscrever o produto verbal na situação enunciativa que o instaura, estabelece-se como uma das evidências dessa integração entre enunciado e enunciação. Daí deriva a propriedade básica identificadora que as autoras atribuem à metadiscursividade: a auto-reflexividade. É ela que explica o fato de o metadiscurso assumir o estatuto polivalente de discurso e glosa sobre o discurso (Risso 2001).

No caso específico da língua falada a metadiscursividade ganha uma dimensão particular, pelo fato de as contingências da produção oral promoverem uma acentuada manifestação dos fatores enunciativos na estruturação do texto. De acordo com Risso e Jubran (1998) o texto falado, fortemente ancorado no entorno espaço-temporal de interação face-a-face, é produzido de forma dinâmica e momentânea, o que favorece sensivelmente o afloramento, na sua superfície, de traços da enunciação. Em razão do monitoramento local e contínuo das construções verbais, esses traços são lingüisticamente materializados, ficando, portanto, acessíveis à análise.

Embora trabalhando em perspectiva teórica distinta daquela aqui assumida, as considerações elaboradas por Maingueneau (1997) acerca do que ele denomina “metadiscurso do locutor” podem trazer contribuições preciosas para a pesquisa que aqui se desenvolve. Trabalhando sob a ótica da Análise do Discurso de Linha Francesa, o autor enquadra o metadiscurso como uma manifestação da “heterogeneidade mostrada” do discurso.

Se a “heterogeneidade constitutiva” está relacionada ao fato de que um discurso não vem ao mundo por uma inocente solicitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual ele toma posição (Maingueneau 1976), atrelando-se ao conceito de intertextualidade no sentido bakhtiniano e garantindo à linguagem o estatuto de inerência a tal conceito, a “heterogeneidade mostrada” incide sobre as manifestações explícitas dessa relação com o exterior discursivo, recuperáveis na materialidade lingüística da superfície discursiva.

Muito embora a heterogeneidade mostrada tenha sido freqüentemente associada aos fenômenos da polifonia e do discurso relatado, Maingueneau (1997) se esforça em demonstrar que nem sempre está relacionada à presença de sujeitos diversos em um mesmo enunciado, mas também pode resultar da “construção pelo locutor de níveis distintos no interior de seu próprio discurso” (Maingueneau 1997: 93). Nesse caso enquadram-se as glosas que acompanham o que o locutor diz. Nas palavras do autor

O dito é constantemente atravessável por um metadiscurso mais ou menos visível que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referência. Esta possibilidade de associar, a todo instante, na seqüência do discurso, os enunciados e seus comentários remete evidentemente à propriedade que as línguas naturais possuem de se descrever sem passar por outro sistema semiótico. (Maingueneau 1997:93)

Remetendo à classificação apresentada por Borillo (1985), o autor propõe-se a complementá-la com “algumas rubricas”, sem pretender a exaustividade. Dentre elas consideraremos, para efeitos deste trabalho, aquela que diz respeito ao “metadiscurso destinado a construir uma imagem do locutor, diferenciando-se eventualmente de uma outra” (Maingueneau 1997:93). A partir dessa categoria, tornar-se-á possível estabelecer uma correlação entre metadiscurso e constituição do *ethos*, conforme se poderá perceber na análise dos dados.

Vale dizer, no entanto, que muito embora a classificação apresentada por Borillo e amplamente aplicada nos trabalhos de Risso e Jubran, além da complementação apresentada por Maingueneau, seja capaz de contemplar grande parte das ocorrências metadiscursivas, alguns aspectos não foram

devidamente explorados, deixando à mostra questões significativas. A principal delas, que vem a compor o cerne deste artigo, diz respeito à relação estabelecida entre metadiscorso e organização argumentativa dos enunciados, que apesar de constituir um tipo de ocorrência metadiscursiva na classificação apresentada por Borillo (1985), ainda não foi devidamente explicada.

Será importante investigar ainda se as demais modalidades de intervenção do metadiscorso instituídas por Borillo — a que faz referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto e a que se refere ao discurso como fato enunciativo, para explicitar algumas de suas condições, tendo em vista sua inteligibilidade — exercem também função na estrutura da argumentação, muito embora o autor não mencione essa possibilidade.

A argumentação

A relação estabelecida entre argumentação e linguagem é hoje tão forte no interior da lingüística que autores como Ascombre e Ducrot (1980) e Koch (1996) chegam a afirmar que a atividade de argumentação coexiste à atividade de fala, de forma ser impossível separá-las. É nesse sentido que se considera a argumentatividade como um fator de textualidade. Nas palavras de Koch (1996: 21) a argumentação constitui

[...] uma atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, através das articulações argumentativas. A orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto deve ser considerada, portanto, como um fator básico não só de coesão, mas principalmente de coerência textual.³

³ A visão apresentada por Koch (1996) baseia-se no conceito de “Argumentação Lingüística”, elaborada por Ascombre e Ducrot (1980), Ducrot (s/d), que se contrapõe ao conceito de “Argumentação Retórica” desenvolvida pela vertente aristotélica e atualmente presente na versão perelmaniana. Ducro, ao apresentar aquilo que convencionou chamar “Argumentação Lingüística”, defende que a argumentatividade está inscrita na própria orientação argumentativa dos enunciados, que conduzem a uma determinada conclusão. É, portanto, inerente à linguagem. Embora reconheçamos as virtudes dessa abordagem e o quanto poderia colaborar para a análise das funções argumentativas do metadiscorso,

Mas foi indubitavelmente a partir dos trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996)⁴ que os estudos sobre a argumentação ganharam um novo impulso. Tentando aliar os principais elementos da Retórica de Aristóteles a uma visão atualizada do assunto, empenharam-se na elaboração de uma “Nova Retórica”, ultrapassando, para isso, o conceito de dialética da Antiguidade, contribuindo na inserção de novas tendências sobre o discurso argumentativo e ampliando, de maneira significativa, o conhecimento sobre esse processo de comunicação.

Ao se deterem às provas que Aristóteles chama de dialéticas, Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op. cit.*) explicam que o uso da terminologia aristotélica justificaria a aproximação da Teoria da Argumentação à dialética, vista pelo próprio Aristóteles como a arte de raciocinar a partir de opiniões geralmente aceitas.⁵ Várias razões, porém, levaram os autores a preferir a aproximação à retórica, muito embora afirmem reiteradas vezes que o Tratado da Argumentação superará os limites da retórica antiga. A principal delas seria o risco de confusões que essa volta de Aristóteles poderia trazer, uma vez que a palavra dialética serviu, durante séculos, para designar a própria lógica, o que não viria a ocorrer com a palavra retórica, cujo emprego filosófico caiu em desuso.

Uma outra razão que, segundo os autores, motivou essa escolha concerne ao próprio espírito com o qual a antiguidade se ocupou de dialética e de retórica. Em suas palavras

O raciocínio dialético era considerado paralelo ao raciocínio analítico; enquanto o primeiro tratava do provável, o último preocupava-se com as proposições ditas necessárias. A idéia de que a dialética diz respeito às opiniões, isto é, às teses, às quais se liga com uma intensidade variável, não foi aproveitada. Afirmar-se-ia então que o estatuto do opinável é tido como impessoal e as opiniões não são relativas aos espíritos que a elas se unem. Em contrapartida, essa idéia de adesão e de espíritos aos quais se

não nos deteremos a ela pelos próprios limites que se impõem a este artigo, elegendo apenas a “Argumentação Retórica” para fundamentar nossas hipóteses.

⁴ A primeira versão do “Tratado da Argumentação: A Nova Retórica”, publicada em francês, data de 1959.

⁵ Muitas das referências às concepções de Aristóteles aqui apresentadas estão baseadas em Declerq (1992).

destina um discurso é primordial em todas as teorias antigas da retórica. A aproximação desta última teve o intuito de enfatizar o fato de que toda argumentação se desenvolve em função de um auditório. (Perelman e Olbrechts-Tyteca 1996:5-6)

Na realidade, é impossível deixar de notar aqui um retorno a Aristóteles no que se refere à construção de uma Teoria da Argumentação fundada sobre a *lógica do verossímil*, que comparada à *lógica da verdade* vem a distinguir duas modalidades de raciocínio humano: o raciocínio argumentativo e o raciocínio demonstrativo. “Neste, as premissas são verdadeiras (necessárias e permanentes) naquele, o ponto de partida do raciocínio humano está assentado em premissas verossímeis (prováveis e controversas)” (Mauro 2001:183).

A adesão do interlocutor passa assim a ser considerada a mola-mestra do estudo da Teoria da Argumentação, desde que essa adesão seja obtida por meio da língua,⁶ de forma que a argumentação é definida pelos autores como sendo “o conjunto das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes são apresentadas ao seu assentimento” (Perelman e Olbrechts-Tyteca 1996: 4).

Para chegarem à definição de argumentação acima exposta, os autores do Tratado partem de uma concepção social da linguagem, entendida como instrumento de comunicação e ação sobre o outro. É por esse motivo que fazem uso da idéia de auditório, a partir de uma concepção ampliada em relação aos participantes da atividade discursiva, em qualquer tipo de discurso, em qualquer situação.⁷

Esse auditório corresponde ao “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com a sua argumentação” (Perelman e Olbrechts-Tyteca 1996:22) e pode se apresentar de duas maneiras: auditório particular, caso seja contextualizado e requeira do comunicador uma adequação para conseguir

⁶ De acordo com os autores, qualquer forma de ação que visando à adesão dos espíritos que não utilize a linguagem está fora dos limites estipulado para sua pesquisa.

⁷ É importante salientar neste ponto da discussão que, conforme se pode perceber, o contexto adquire papel fundamental na teoria de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), como algo que envolve os falantes e é, simultaneamente, construído ativamente pelos mesmos.

persuadir; e auditório universal, caso seja delineado pelo discurso de convicção, pelo uso de dados evidentes, de verdades filosóficas.

De acordo com Aquino (1997), em função dessa tipologia os autores retomam a distinção entre persuadir e convencer, conferindo à persuasão uma validade subjetiva. A argumentação dirigida a um auditório universal procura convencer os interlocutores da evidência das razões apresentadas e de sua independência em relação aos fatores locais ou históricos. A argumentação apresentada a um auditório particular procura persuadir o ouvinte a realizar uma ação, incidindo essencialmente no plano prático. “A distinção entre persuadir e convencer liga-se, portanto, ao auditório [...]. Convencer é levar o interlocutor a acreditar, persuadir é levar o interlocutor a agir” (Aquino 1997: 161).

O ato de persuadir, que apresenta, dessa maneira, um caráter ideológico, subjetivo e temporal, procura atingir a vontade e o sentimento das pessoas por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis, levando a inferências que podem conduzir essas pessoas à adesão aos argumentos apresentados. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) a argumentação caracteriza-se essencialmente como um ato de persuasão, que vem a provocar e/ou incrementar a adesão dos espíritos por meio do emprego de técnicas discursivas.

Tais “técnicas”, pelos autores denominadas “técnicas argumentativas”, são selecionadas pelo falante de acordo com o contexto de produção e a situação interlocutiva, visando a atingir determinados objetivos conversacionais. Trata-se, na verdade, de um rico e vasto inventário de procedimentos que tem sido enfoque de diversos estudos; para efeitos deste trabalho, no entanto, determo-nos-emos especificamente em algumas abordagens.

No Tratado da Argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) elencam um inventário exaustivo de esquemas de argumentos, por eles denominados “técnicas argumentativas”. Os autores enfatizam, no entanto, o caráter arbitrário desse estudo, haja vista que, segundo eles, a argumentação se caracteriza pela combinação e superposição constante de argumentos.

Para os mestres do Tratado, as técnicas argumentativas se dividem em dois grandes grupos: os argumentos quase-lógicos e os argumentos baseados na

estrutura do real. Os argumentos quase-lógicos são aqueles que se apresentam, ora de maneira implícita, ora de maneira explícita, como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. Muito embora os autores reconheçam que muitas outras relações poderiam ser examinadas, são subdivididos entre aqueles que apelam para estruturas lógicas — contradição, identidade total ou parcial, transitividade — e aqueles que apelam para relações matemáticas — relação da parte com o todo, do menor com o maior e relação de frequência, além da comparação.⁸

Os argumentos baseados na estrutura do real, por sua vez, valem-se da relação mais ou menos estreita existente eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas para estabelecer uma solidariedade entre juízos estabelecidos e outros que se procura promover. Apesar de se classificarem conforme as estruturas do real às quais se aplicam e de poderem ser encontrados no uso comum, não se trata, conforme esclarecem Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), de descrições objetivas do real, mas “da maneira pela qual se apresentam as opiniões a ele concernentes, podendo estas, aliás, ser tratadas, quer como fatos, quer como verdades, quer como presunções” (Perelman e Olbrechts-Tyteca 1996:298). São subdivididos entre argumentos que se aplicam a ligações de sucessão, que unem um fenômeno a suas conseqüências ou a suas causas — argumento pragmático, da direção dentre outros — e argumentos que se aplicam a ligações de coexistência, que unem uma pessoa a seus atos, um grupo aos indivíduos que dele fazem parte e, em geral, uma essência a suas manifestações — por exemplo, o argumento de autoridade.⁹

O real pode vir fundamentado, de acordo com os autores, pelo recurso ao caso particular — quando se recorre à argumentação pelo exemplo, ilustração ou modelo — ou por meio do raciocínio por analogia. Pode ser ainda que o orador faça uso de figuras retóricas, colocadas não como ornamento, mas como argumento. Dentre as figuras, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) citam as

⁸ Em função dos limites aos quais está submetido este artigo, não nos deteremos na definição de cada tipo de argumento. De acordo com nossas necessidades, as ocorrências que estiverem presentes no *corpus* analisado serão devidamente explicadas na próxima seção.

⁹ Idem à nota anterior.

criadas com base no auditório: figuras da caracterização — nas quais se incluem a definição, a perífrase, a prolepse, a correção; figuras da presença — que intensificam a presença do objeto; e figuras da comunhão — que integram orador e ouvinte.

Em uma outra proposta, voltada especificamente para modalidades de interações polêmicas, Aquino (1997:205-207), por meio de uma releitura das possibilidades de ocorrência das estratégias discursivas apresentadas no Tratado e em trabalhos diversos, apresenta um inventário de estratégias que fortalecem o locutor em oposição àquelas que o enfraquecem.

Dentre as estratégias que fortalecem o interlocutor a autora aponta as que seguem: antecipar objeções; recordar ao interlocutor um conhecimento que este não tem ou uma ocorrência que não houve, deixando-o às vezes em dúvida; apelar à razão; refutar; formular concessão; entrar em desacordo com o ato enunciativo; atacar a imagem do interlocutor; apelar para as emoções; apelar para certas habilidades/ atitudes, como o uso da ironia (embora aja inversamente se empregada em demasia), da repetição, da correção; promover a relação de inclusão; estabelecer relação de comparação ou de analogia; proceder à relação de causa e efeito; observar a relação de coexistência; imprimir a relação de direcionalidade; utilizar argumentos de autoridade; utilizar argumentos baseados em dados ou documentos fidedignos; formular pergunta retórica; elaborar pergunta assimilável à negação.

No que se refere às estratégias que enfraquecem o locutor a autora reserva as seguintes possibilidades: evitar (mudando-o) ou retardar o desenvolvimento do tópico; desprezar o debate; proceder a observações generalizantes; proceder à invalidação do que foi enunciado; fazer uso da retificação; impor um acordo; utilizar dados documentados não fidedignos.

Funções argumentativas do metadiscurso na entrevista televisiva

O interesse em selecionar especificamente uma entrevista com um candidato à Presidência da República em plena campanha eleitoral justifica-se

pelo caráter polêmico¹⁰ de tal interação, característica que, conforme Jubran (1999), favorece a ocorrência de procedimentos metadiscursivos, o que de fato ocorreu. A abordagem, por parte do entrevistador, de tópicos ameaçadores, resultando em respostas paralelas ou desvios de tópico, tentativas de tomada e manutenção de turno e ameaças à face do entrevistado são constantes durante a interação, o que se deve certamente ao contexto histórico-temporal da mesma.

Como se estava em período eleitoral, o entrevistador procura expor e questionar a opinião de Serra sobre temas atuais e polêmicos, introduzir perguntas dos telespectadores sobre temas mais complexos e detectar, paralelamente, possíveis falhas na articulação do plano de governo do candidato. A José Serra, por sua vez, cumpre o papel de persuadir os telespectadores — a terceira-parte, eleitores em potencial — de que ele era o candidato melhor e mais bem preparado, o que busca fazer por meio da exposição das metas de seu plano de governo, e da apresentação de seus feitos enquanto Ministro do Governo FHC.

Faz-se importante aqui abrimos um breve parêntese a fim de destacarmos que concebemos o texto, conforme Beaugrande (1997:10), como “um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais, e não apenas a seqüência de palavras que são faladas ou escritas”.

Por “ações cognitivas” entendemos as atividades mentais, que regem o conjunto de atividades lingüísticas e interacionais e que são colocadas em ação no momento em que os interlocutores processam seu texto. Dentre as diversas atividades mentais ativadas ao longo da interação, voltadas à compreensão, destacaremos, a partir do propósito geral que norteia a pesquisa aqui proposta, o papel dos *frames*, que dizem respeito “à representação de qualquer coisa que possa figurar como tópico ou assunto, ou referente dentro de uma atividade” (Aquino 1997:41). No tocante às “ações sociais”, serão aqui entendidas como estratégias interacionais socioculturalmente determinadas; no *corpus* selecionado para a elaboração desta pesquisa, o mecanismo de *face*, tanto no que se refere à

¹⁰ Por polêmica entendemos, conforme Maingueneau (1983), como toda tentativa de falsear a fala do outro, de desqualificação do discurso do adversário numa situação em que duas posições antagônicas se confrontam e se afrontam. Segundo Declerq (1992) a polemicidade é, na realidade, inerente à argumentação, haja vista o caráter “controvertido e contingente dos objetos que se oferecem à deliberação” (Declerq 1992:32).

preservação quanto ao ataque à face, mostra-se extremamente relevante para a análise, haja vista o caráter inerentemente polêmico da entrevista.

Tal polemicidade pode ser identificada já na primeira pergunta da entrevista, por meio da qual o entrevistador, Dirceu Brisola (DB), prontamente apresenta um tópico extremamente ameaçador. Aqui já se detecta a intervenção do metadiscorso na fala do entrevistador, haja vista que seu discurso glosa, na primeira parte da pergunta, sobre uma fala dada publicamente pelo entrevistado em momento anterior, por meio de um verbo *dicendi*, construindo um enunciado tipicamente polifônico.¹¹ A instalação do Enunciador 2 José Serra e a apresentação, na seqüência, de um argumento de orientação inversa ao desse enunciador, argumento esse cujas premissas baseiam-se em fatos, acaba por demonstrar uma incompatibilidade¹² na posição do interlocutor perante a audiência, o que ataca a imagem pública ou face do interlocutor. Observe:

(4) DB: Senador o senhor **justificou** apoio ao acordo do FMI...**dizendo** que ele não representava um sacrifício adicional para os brasileiros ontem a meta do superávit primário foi aumentada de 3,75 para 3,88%... o que... é um sacrifício adicional... qual a sua posição diante disso?

Uma situação semelhante ocorre na seqüência, em que DB também se utiliza de uma fala de Serra, dessa vez contida num livro, para questioná-la, durante o desenvolvimento do tópico Livro de JS:

(5) DB: no/no livro o senhor **diz** aqui à página 285 que o Brasil vai ter uma política de câmbio favorável ao comércio exterior... ora uma política... favorável ao comércio exterior pressupõe... um dólar alto... um câmbio alto...

¹¹ Dentre as múltiplas definições de polifonia presentes na literatura atual em lingüística, optaremos por aquela apresentada por Koch (1996:140), que concebe o fenômeno como “a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivos”.

¹² Para Robrieux (1993), a incompatibilidade se manifesta entre duas asserções que não podem coexistir em um mesmo sistema. Trata-se, na visão do autor, de um tipo de argumento “quase lógico”, à medida que se aplica “à origem e aos conceitos rigorosamente definidos a partir das propriedades características dos objetos” (Robrieux 1993:110).

Uma explicação contextual se faz aqui necessária. O candidato José Serra baseou todo o seu programa de governo na premissa de que o Brasil teria, no seu governo, um grande crescimento econômico. Dirceu Brisola, por sua vez, procura questionar constantemente essa premissa, pois se Serra era o candidato do presidente Fernando Henrique Cardoso, tendo sido, inclusive, ministro daquele governo, que não havia conseguido promover esse crescimento, seria uma incongruência só agora promovê-lo.

No entanto, Serra, conforme se poderá perceber na resposta dada à primeira pergunta, se sai muito bem da situação, pois além de refutar o conteúdo proposicional da mesma, explica os motivos que corroboram sua posição, conseguindo, pelo menos aparentemente, convencer o entrevistador da mesma. Para a apresentação dos seus argumentos, JS faz uso do metadiscorso, aqui empregado como sinalização da estratégia de montagem textual em partes; esse uso corresponde à categoria classificada por Borillo (1985) como “a que se refere ao discurso enquanto construção de enunciados”:

(6) JS: olha Dirceu eh na verdade não há um sacrifício adicional **primeiro vamos ver o seguinte...** a meta pro ano que vem é a mesma... 3,75... independentemente da distribuição ao longo do ano... né? porque claro que no primeiro semestre...

DB: claro... é mais...

JS: você gasta menos no segundo semestre gasta mais etc.... **no que se refere a este ano...** eu diria pra você não implica nenhum aperto adicional porque há receitas extras... eh do ponto de vista tributário apenas que não serão gastas... são receitas excepcionais daquelas do tipo “uma vez por todas”... de forma que de fato não é nenhum sacrifício adicional

DB: é...

Como se pode observar, DB enxerga o aumento da meta do superávit como um sacrifício adicional para o povo, de modo contrário a JS, que não crê nesse fato. Para a construção de seus argumentos, Serra refuta, inicialmente, o conteúdo proposicional da pergunta, e após o primeiro emprego do metadiscorso (*primeiro vamos ver o seguinte*) focaliza e refuta especificamente a posição apresentada pelo interlocutor a respeito da meta, entrando em desacordo com o conteúdo do enunciado (Aquino 1997:197). Com a segunda ocorrência

metadiscursiva (*no que se refere a este ano*), JS nomeia a parte central de sua resposta, justificando a ausência de sacrifício adicional por meio de uma relação de causa e efeito (sendo a existência de “receitas extras” a causa e “ausência de sacrifício” o efeito). Note que JS, além de refutar, repete essa refutação por várias vezes, criando estrategicamente uma figura de presença.

Uma ocorrência em que o metadiscurso exerce função semelhante é verificada nas linhas praticamente consecutivas da entrevista:

(7) DB:E: o senhor não teme que no ano que vem nas revisões que estão previstas para fevereiro maio julho... eh o/ e se o senhor for eleito presidente da República que o Fundo Monetário venha a exigir um aperto maior um superávit superior?

JS: Não... não por dois motivos... **primeiro** porque o dólar vai tender a cair... o dólar está muito alto... com um bom resultado eleitoral com eh... eh... um governo sério com programa coerente... o dólar cai... né? **primeiro aspecto**... e o dólar teve importância no crescimento da dívida... porque uma parte da dívida... pública brasileira... está indexada amarrada ao valor do dólar... **primeira coisa segundo**... eh... com o aumento do superávit comercial... que está em franca ascensão... e você sabe que... o déficit em conta corrente o déficit do balanço de pagamentos do Brasil... com proporção do PIB... já está caindo quase 1 ponto no último ano

[

DB: caiu... caiu muito...

JS: né? em percentual do PIB... com essa queda você vai ter condição de reduzir também mais o juros... está certo?... você reduzindo mais o juros você reduz a pressão sobre

[

DB: certo claro

No trecho acima o entrevistador, ainda referindo-se ao tópico “Acordo com o Fundo Monetário Internacional”, coloca em cheque, por meio de sua pergunta, o crescimento econômico prometido pelo entrevistado para o próximo ano, haja vista que, se o fundo viesse a exigir um superávit maior, o crescimento da economia ficaria automaticamente comprometido.

Novamente JS refuta essa possibilidade, sustentando o seu ponto de vista com dois argumentos baseados na relação de causa e efeito (*com um governo sério o dólar vai tender a cair e com o aumento do superávit comercial os juros poderão ser reduzidos*). Esses argumentos são novamente ordenados por meio de

procedimentos metadiscursivos, cuja função é essencialmente a de denunciar a montagem argumentativa do texto.

Faz-se interessante, neste ponto da explanação corrente, abirmos um pequeno parêntese para destacarmos o papel do argumento *com um governo sério o dólar vai tender a cair* na fala do entrevistado, colocado, em ordem, como o motivo *primeiro* na resposta acima. Na verdade, em busca de convencer a audiência acerca da sua superioridade como candidato e, portanto, como futuro presidente da República, JS irá, desde o começo da entrevista, tentar impor ao público seu *frame*: “O Brasil só irá crescer economicamente se tiver um governo sério, sendo esse, o governo José Serra”. Esse *frame* permeará toda a entrevista e Serra encontrará nele saída para algumas situações de risco que lhe serão impostas por DB, além de se tratar de um ataque implícito aos seus oponentes.

Em (8) detecta-se um outro tipo de emprego bastante interessante do metadiscurso. Observe:

(8) JS: você reduzindo mais o juros você reduz a pressão sobre o chamado superávit primário **que é o quê?** a diferença entre o que você arrecada e o que você gasta excluindo o juros.

Na ocorrência acima o procedimento metadiscursivo, que se enquadra na categoria dos que “fazem referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto” (Borillo *op. cit.*), vem materializado em forma de uma pergunta retórica. De acordo com Robrieux (1993) as perguntas retóricas, por ele denominadas “questões dialéticas”, são, na realidade, afirmações diluídas em questões, cuja função é a de persuadir ou manipular o interlocutor. Trata-se, na visão do autor, de um tipo de argumento de coação, na medida em que permite intimidar o auditório. Para Aquino (1997) podem ser definidas como aquelas que o locutor formula a si mesmo, cuja função é a de conduzir apropriadamente o ouvinte em direção a sua argumentação; são consideradas pela autora como um tipo de estratégia argumentativa que fortalece o locutor.

Em (8) a pergunta retórica possibilita a inserção, por parte de JS, de uma definição (classificada por Perelman no interior das figuras de caracterização). No contexto em que foi proferida, essa definição permite ao candidato demonstrar aos telespectadores seus conhecimentos sobre economia, reforçando estrategicamente a imagem de um candidato preparado para governar. Tanto em (8) quanto em (9) e (10) podemos dizer que temos, portanto, exemplos do que Maingueneau (1997:93) categorizou como “metadiscorso destinado a construir uma imagem do locutor”. Trata-se de mais um momento em que fica nítida a tentativa, por parte de JS, de impor ao público seu *frame*, o qual permeia toda a entrevista: “O Brasil só irá crescer economicamente se tiver um governo sério, sendo esse, o governo José Serra”.

É exatamente nesse sentido que podemos enquadrar os diversos usos do inciso metadiscursivo *quer dizer*, pulverizado na entrevista em questão. Traduzindo uma palavra em termos de outra ou todo um enunciado em termos de outro, JS consegue obter, por meio desses usos, o efeito descrito no parágrafo anterior:

(9) JS: (...) uma conjuntura adversa no preço de **comodities como dizem... no jargão quer dizer** de matérias-primas... produtos mais padronizados...

(10) JS: Mas veja... o/o... não há uma relação tão mecânica... entre o que acontece na economia brasileira e a economia internacional a economia internacional raramente todos os movimentos são sincronizados... isso não existe inclusive na economia brasileira... é o/o Mato Grosso... cresceu 22% em dois anos e a economia cresceu... eh: um oitavo disso... **quer dizer** não não não há essa sincronia... obrigatória (...)

Ao abordar o tópico “Plano B para a geração de empregos”, central e o mais polêmico da entrevista, DB insiste em colocar em cheque o plano de JS de gerar, em seu eventual governo, oito milhões de empregos, com a prática, que de acordo com o ponto de vista do entrevistador, seria marcada por um cenário de adversidade (tal como o discurso tucano justificava a falta de geração de emprego no governo FHC). O candidato, por sua vez, não admite essa hipótese e um interlocutor não consegue, durante esse trecho da entrevista, impor ao outro seu

frame. Como resultado verifica-se uma série truncada de turnos, com assaltos constantes e sobreposição de vozes. Aqui as ocorrências metadiscursivas são ainda mais freqüentes e diversificadas, conforme se pode verificar no trecho selecionado abaixo

(11) DB: Mas por isso que ***eu estou lhe colocando esta pergunta quer dizer*** existe um plano B pra hipótese de o senhor NÃO obter da economia brasileira por alguma razão não obter o crescimento econômico que se espera ou seja... existe um planejamento? ***Por exemplo*** eu perguntei ao professor José Graciano quando ele esteve aqui... se era possível eh diminuir a miséria a fome... num cenário... de crescimento econômico pequeno ou de estagnação econômica ele disse é possível... (quer dizer) é possível melhorar a distribuição de renda mesmo (sem ter) um cenário e o emprego também?

[
JS: (emprego também)... claro óbvio... é o que eu fiz na saúde ***eu estou te dizendo***... eh eh se você faz eh irrigamos mais 200 mil hectares de terra pra fruticultura você sabe quanto dá isso em emprego? 600 mil pessoas... ou seja você tem que ter uma política de emprego deliberada ***mas veja bem***... a economia vai crescer mais rapidamente você não tenha dúvida disto... eu não vejo eh eh obstáculos barreiras eh dramas problemas nesse sentido...

Na passagem *por isso que eu estou lhe colocando esta pergunta* observamos uma construção metadiscursiva topicalizadora, com a função de situar, pela designação da atividade discursiva, um ponto de centração do debate em curso. Essa forma de intervenção do metadiscorso deixa à mostra a sua atuação na organização da estrutura discursiva, assim focalizada enquanto construção. Por meio dela o entrevistador retoma a pergunta central formulada antes de uma série de interrupções e desvios de tópico, vindo explicitada, no corpo de sua fala, após outro inciso metadiscursivo (*quer dizer*).

A construção metadiscursiva *por exemplo*, muito usual, aliás, na entrevista em análise, deixa à mostra o estatuto discursivo da porção textual que escopa. Na Teoria da Argumentação a argumentação pelo exemplo é analisada como uma ligação que fundamenta o real pelo caso particular, fornecendo “um caso eminente em que o sentido e a extensão das noções são influenciados pelos aspectos dinâmicos do seu emprego” (Perelman e Olbrechts-Tyteca 1996:406).

No contexto em que foi empregada no trecho acima, no entanto, essa estratégia parece falha, à medida que oferece a Serra meios de se desviar da pergunta, haja vista que, se a pergunta tivesse sido interrompida em *existe um planejamento?* provavelmente JS ver-se-ia obrigado a respondê-la. Uma fuga, nesse momento, deixaria nítido para a audiência que o governo JS, assim como o FHC, não saberia lidar com uma adversidade, causando sérios impactos a sua imagem, tão bem construída até o momento.

Estrategicamente, em sua resposta, Serra segue por analogia a posição de José Graziano citada no exemplo, mostrando que a mesmo pode ser feito com o emprego, dando fim aos questionamentos do entrevistador. Após o uso do enunciado metadiscursivo *eu estou te dizendo*, que também designa o discurso enquanto construção e que adquire aqui uma idéia de reforço, o candidato passa a narrar seus feitos como Ministro da Saúde, recordando estrategicamente ao interlocutor “um conhecimento que este não tem” (Aquino 1997). Por meio do enunciado *mas veja bem* JS focaliza o ponto central de sua argumentação, o qual vem sustentando desde o início da entrevista: *a economia vai crescer mais rapidamente você não tenha dúvida disto*.

Uma última construção metadiscursiva presente no *corpus* em questão ainda não tratada devidamente neste trabalho diz respeito aos usos classificados por Borillo (1985) como aqueles que fazem “referência ao discurso enquanto fato enunciativo”. De acordo com Risso (1999:211), esses empregos dão evidências de que “são da gestão do debate, da qualidade das ligações interativas no evento em cena, de orientações argumentativas e coesivas, no desenvolvimento do assunto, tendo sempre em consideração o interlocutor”. As cinco primeiras ocorrências metadiscursivas abaixo são ilustrativas desse caso:

(12) DB: um: telespectador aqui o senhor eh o senhor Ciro Matuc... eh pergunta o seguinte ***eu vou pedir ao senhor que responda esta pergunta após o breve intervalo que nós vamos fazer*** porque ainda é sobre o assunto emprego... eh se o senhor como Ministro do Planejamento... porque não desenvolveu planos para criar empregos como esse que pretende eh

[
JS: eu desenvolvi... ***é ótima pergunta***

(...)

JS: **uma boa pergunta...** olha eu como Ministro dei um impulso à irrigação... que marcou um salto nessa questão... né? eh:: nos investimentos feitos todos segundo fiz eh:: o Avança Brasil... foi feito na minha gestão no Ministério do Planejamento todos investimentos programados... que na época eram/ chamavam plano plurianual que eu mesmo quando constituinte introduzi a necessidade desse plano na Constituição... e desencavei o BNDES o BNDES multiplicou várias vezes o seu financiamento... inclusive com recurso do Fundo de Amparo ao Trabalhador que **eu quero dizer pro telespectador...** que também foi de minha autoria... quando era deputado o FAT o FAT para o seguro-desemprego treinamento e qualificação por um lado e aplica o seu dinheiro via BNDES pra ter o retorno para garantir os benefícios sociais... agora eles/ ele pode perguntar mas por que então o emprego não cresceu mais?... por causa do agregado da economia... mas a política que eu fiz foi uma política de emprego...

Os incisos metadiscursivos destacados na fala do entrevistador revelam o seu papel discursivo na administração do evento interacional, determinando o momento do ato responsivo, referindo-se portanto ao discurso enquanto fato enunciativo. Note que essa pergunta é ameaçadora à face do entrevistado, na medida em que se baseia em uma relação de coexistência que coloca em cheque o discurso do candidato a partir de sua prática (como ministro do governo FHC).

Nas duas primeiras ocorrências destacadas na resposta dada por JS percebemos que o locutor toma a pergunta também como um fato enunciativo, elogiando-a e se mostrando, dessa maneira, bem disposto para respondê-la, protegendo a sua face. Isso porque Serra estava preparado para respondê-la: trata-se um momento propício para trazer à memória da audiência conhecimentos que esta não têm, suas obras e projetos enquanto fora Ministro do Planejamento, mostrar que é um político sério, que se preocupa com os problemas sociais. Há toda uma preocupação em chamar a atenção do telespectador para esses fatos, o que se comprova quando ele aponta diretamente para a terceira-parte no meio do turno, por meio de um enunciado metadiscursivo: *eu quero dizer pro telespectador*.

Com pergunta retórica *ele pode perguntar mas por que então o emprego não cresceu mais?*, empregada na última parte no trecho em questão, Serra

antecipa uma possível objeção à suas colocações, mais uma estratégia que, de acordo com Aquino (*op. cit.*), fortalece o locutor.

Antes de encerrarmos esta análise, faz-se importante retomar, por fim, a noção aristotélica de provas “objetivas” e “subjetivas” da retórica; como centralizamos nossa análise, até o presente momento, sobre a primeira, determinamos agora um pouco sobre a segunda. De acordo com Declerq (1992:58), enquanto as provas objetivas definem a argumentação “pela capacidade persuasiva interna da linguagem”, as provas subjetivas, subdivididas em provas *éticas* e *pathéticas*, relacionam-se “aos sujeitos da comunicação que se definem na situação de fala” (Declerq 1992:45): a prova *ética* “é relativa ao orador e à imagem moral que ele que constrói dele mesmo ao falar”; a prova *pathética* concerne “ao auditório e às emoções que o orador desperta nele por seu discurso” (Declerq 1992:45).

Considerado como um desdobramento da retórica pelo próprio autor, Maingueneau (2004) desenvolve, a partir da prova *ética*, a noção de ethos, ampliando-a e aplicando-a a textos modernos de comunicação¹³. Para Maingueneau o ethos constitui-se em um fenômeno que permite revelar, por meio da enunciação, a personalidade do enunciador (cf.: Maingueneau 2004:97). Citando Barthes (*apud* Maingueneau 2004:98) o autor destaca, como característica essencial desse ethos, “os traços de caráter que o orador deve *mostrar*¹⁴ ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão [...]”.

Na entrevista em questão podemos afirmar que Serra, assumindo como premissas de sua argumentação diversos fatos (a meta do superávit primário para o ano seguinte, seus feitos frente ao Ministério da Saúde, suas ações diante do Ministério do Planejamento, etc.), complementadas por descrições minuciosas de tais fatos, por definições precisas de termos pouco conhecidos dos

¹³ Em sua teoria, que visa a integrar a noção de ethos retórico à Análise do Discurso, Maingueneau considera o ethos como uma instância subjetiva, que se constitui por uma “voz” e um “corpo” historicamente investido de valores compartilhados socialmente. Em função da perspectiva teórica adotada neste artigo, não enveredaremos nossa análise nessa direção, aproveitando apenas a definição de ethos apresentada pelo autor.

¹⁴ Grifo do autor.

telespectadores (observe, por exemplo, o emprego dos incisos metadiscursivos em (8), (9) e (10), dentre outras diversas marcas e estratégias argumentativas, Serra vai construindo um ethos de um homem profundamente conhecedor da realidade econômica brasileira e extremamente competente quando lhe é confiado um cargo público, um ethos de um homem, portanto, preparado para governar este país.

Considerações finais

Tomando por base a classificação das estratégias discursivas apresentadas por Aquino (1997), pudemos constatar, com a análise dos dados, que as expressões metadiscursivas exercem, sobretudo, o papel de ancorar o desenvolvimento de tais estratégias, seja marcando a organização argumentativa dos enunciados e a ordem dos argumentos, seja denunciando o seu estatuto (haja vista o inciso *por exemplo*), seja na avaliação da fala do interlocutor, dentre outras funções.

Essa constatação nos permite afirmar que, na classificação apresentada por Borillo (1985), a relação entre metadiscorso e argumentação não se restringe apenas à categoria na qual se enquadram os incisos que se referem ao discurso enquanto construção de enunciados, mas que também abrange, de maneiras variadas, as duas outras categorias elencadas pelo autor: a que faz referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto e a que se refere ao discurso como fato enunciativo. Paralelamente, ratifica a posição de acordo com a qual linguagem e argumentação possuem laços indissociáveis, o que justifica a consideração, no interior da Lingüística Textual, da argumentatividade como um fator de textualidade.

Referências Bibliográficas

— AQUINO, Z. G. O. 1997. *Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. São Paulo. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

- BEAUGRANDE, R.1997. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood: Ablex.
- _____; DRESSLER, W. 1981. *Introduction to text linguistics*. London: Longman.
- BORILLO, A.1985. Discours ou Metadiscours? *DRLAV Revue de linguistique* (32). Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, p. 91-151.
- DECLERQ, G.1992. *L'Art d'Argumenter. Structures rhétoriques et littéraires*. Paris: Éditions Universitaires, p. 7-96.
- DUCROT, O. *Argumentation rhétorique et argumentation linguistique*. Paris: E.H.E.S.S., s/d (mimeo).
- JAKOBSON, R.1963. *Essais de linguistique générale*. Paris: Editions de Minuit.
- JUBRAN, C. C. A. S.1999. A metadiscursividade como recurso textual-interativo em entrevista televisiva. In: BARROS, K. S. M. (org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, p. 9-19.
- KOCH, I. G. V. G.1996. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez.
- MAINGUENEAU, D. 1983. *Sémantique de la polemique*. Lausanne: L'Age d'Homme.
- _____. 1997. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes.
- _____.2004. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- MAURO, M. A. F.2001. Argumentação e discurso. In: MOSCA, L. L. S. (org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, p. 183-200.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L.1996. *O tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- RISSO, M. S.1999. A propriedade auto-reflexiva do metadiscorso. In: BARROS, K. S. M. (org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, p. 203-214.
- _____. 2001. A emergência da atividade discursiva no texto falado: sinalização metadiscursiva da busca da denominação. *Estudos Lingüísticos XXXI*. Assis, p. 103-111.
- _____; JUBRAN, C. C. A. S. 1998. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. *DELTA*, v.14, especial, p. 227-242.
- ROBRIEUX, J. J.1993. *Éléments de Rhétorique et d'Argumentation*. Paris:Dunod, p. 97-205.